

17/6/1990

Uma estatística que denuncia

Como todos os engenheiros e advogados que atuam profissionalmente em Pradópolis, também os médicos que trabalham na cidade não moram lá. Depois das seis da tarde, quem precisar de atendimento médico tem que ser levado de ambulância para alguma cidade vizinha. Mesmo assim, o delegado de Pradópolis, Marcos César Borges, não quer nem pensar em ser transferido para outra cidade.

— Não saio daqui nem a pau — diz o delegado, que no ano passado inteiro se ocupou de apenas 25 inquéritos, a maioria por bebedeira e brigas de marido e mulher.

Mas a estatística policial mostra que as coisas estão piorando:

— Este ano já deu mais inquérito do que no ano passado inteiro. Nunca vi situação como essa. Deve ser a crise — comenta Borges, que acredita ao desemprego crescente e aos salários baixos. — Antes, o pessoal fazia muita hora extra para construir suas casinhas, mas, agora isso acabou.

A única obra que continua sendo tocada na cidade é um imenso prédio de 1.100 metros quadrados de área construída para abrigar a nova delegacia, que conta apenas, além do delegado, com um investigador e um escrivão, e uma cadeia pública com capacidade para 24 presos.

A cidade está revoltada não só com o desperdício de dinheiro por parte do governo do estado, mas também com a provável futura importação de criminosos de outras cidades, pois atualmente Pradópolis só tem dois condenados, que mataram as respectivas mulheres, mas estão presos na cadeia da vizinha Guariba, cidade onde explodiram os primeiros conflitos de bóias-frias em meados dos anos 80. A antiga cadeia de Pradópolis, instalada nos fundos de uma velha casa de esquina onde ainda funciona a delegacia, na praça principal, foi desativada há mais de 10 anos por falta de freguesia.

Em seus cinco anos de Pradópolis, o delegado Borges registrou apenas cinco homicídios, mas também quatro suicídios, um índice aparentemente muito alto para uma "cidade sem problemas", uma espécie de símbolo da Califórnia Paulista, a região de Ribeirão Preto, que se orgulha de ter a maior renda per capita do país — algo muito relativo em matéria de qualidade de vida, se for comparada a renda de um usineiro com o ganho de um bóia-fria.

Indiferente às mudanças à sua volta, o fiel secretário Clóvis Bronzati, 36 anos, que na prática administra toda a prefeitura de Pradópolis há 13 anos, não gosta dessa história de Califórnia Paulista. — Isso aqui está mais para Marrakesh do que para Califórnia... Se nós tivéssemos 5% da renda da verdadeira Califórnia, seríamos um país dentro do país. Nós não somos ricos. O resto é que é miserável demais — diz ele.

Tão miserável que cada vez mais começam a aparecer desocupados perambulando pelas ruas de Pradópolis. Por enquanto, um eficiente serviço montado pela prefeitura tem conseguido mandar de volta para as cidades de origem esses imigrantes indesejáveis. Até quando será possível manter esse cordão sanitário, nem Clóvis Bronzati sabe dizer. Para ele não há crise.

— Que mais eu poderia querer que aqui não tem? Cinema? Tenho videocassete em casa. E todo fim-de-semana tem futebol e cervejinha...

No fim de cada tarde começa a aparecer gente nas ruas, voltando em silêncio de mais um dia na Usina São Martinho — a usina que acabou virando cidade, mas continua sendo uma grande fazenda, agora assustada com a chegada dos tempos do Brasil Novo. (R.K.)

(Página 16)